

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS POR MEIO DE DESENHOS PARA O ALUNO CEGO: DESENHANDO POSSIBILIDADES¹

INTERPRETATION OF TEXTS THROUGH DRAWINGS FOR THE BLIND STUDENT:
DRAWING POSSIBILITIES

Cymone Martins Cotrim TEIXEIRA²

RESUMO³: Este trabalho busca apresentar a utilização do desenho como uma atividade escolar possível para o aluno com deficiência visual. A pesquisa parte da prática como professora do Centro Estadual de Educação Especial de Caetité- CEEEC; onde é utilizado um instrumento de desenho adaptado para alunos com deficiência visual no trabalho de interpretação de fábulas, textos e histórias. Foram aplicadas propostas de leituras e desenhos durante os atendimentos de Braille, no período entre abril/2014 e março/2015. O objetivo é demonstrar o desenho como ferramenta de interpretação de textos pelo aluno com deficiência visual. Têm-se como base teórica os estudos de AMIRALIAN (1997), DUARTE (2003), dentre outros. As atividades possibilitaram evidenciar que o uso do desenho como ferramenta de interpretação textual favorece aprendizagem, a participação e a expressão artística dos alunos com deficiência visual e melhora o processo de inclusão em classes comuns como representação de conhecimento e de comunicação da pessoa cega.

Palavras-Chave: Deficiência Visual; Desenho; Interpretação.

ABSTRACT: This work seeks to present the use of drawing as a possible school activity for the visually impaired student. The research starts from practice as a teacher at the State Center for Special Education in Caetité-CEEEEC; where a drawing instrument adapted for visually impaired students is used in the interpretation of fables, texts and stories. Proposals for readings and drawings were applied during the Braille sessions, between April / 2014 and March / 2015. The objective is to demonstrate drawing as a text interpretation tool for the visually impaired student. The theoretical basis is the studies of AMIRALIAN (1997), DUARTE (2003), among others. The activities made it possible to show that the use of drawing as a textual interpretation tool favors learning, participation and artistic expression of students with visual impairments and improves the inclusion process in common classes as a representation of knowledge and communication of the blind person.

Keywords: Visual Impairment; Drawing; Interpretation.

INTRODUÇÃO

A percepção exigida pela limitação visual faz sua reorganização cognitiva se dar por outros caminhos no seu processo de desenvolvimento. Se as lembranças às vezes afloram ou emergem,

¹ Recebido em: maio de 2020 | Aceito em: dezembro de 2021.

² Doutoranda em Ensino pelo Programa de Pós- Graduação em Ensino PPGen (UESB). Mestre em Ensino pelo Programa de Pós- Graduação em Ensino PPGen (UESB). Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e em Pedagogia (Uninter). Professora de Atendimento Especializado (Braille) no Centro Estadual de Educação Especial de Caetité - Ba. E-mail: cymonect@hotmail.com

³ Resumo publicado nos anais do III *Seminário Internacional Cooperação Brasil-Quebec: diversidade e educação*, 2017.

quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa: essa tarefa é um auto aperfeiçoamento, uma reconquista. (BOSI, 2004).

A visão é o canal de relação do indivíduo com o mundo, é através do sentido da visão que captamos e registramos, organizamos em nível cerebral as informações. Para o sujeito não visual muitas vezes o recurso verbal se sobrepõe as experiências de conceituação dos objetos.

A preocupação com o ensino do desenho para cegos não é recente. Embora escassos, existem estudos importantes sobre o tema, como Amiralian (1997) que aponta os estudos de Victor Lowenfeld (1939) que utilizou o desenho de cegos para analisar seu desenvolvimento e representações mentais. Outra pesquisadora que aborda a temática do desenho para cegos é Duarte (2003).

O ato de desenhar entrelaça ao diálogo humano, à necessidade de se comunicar. Trata-se de uma comunicação sígnica. Para Amiralian (1997) a crença de que a visão possa ser imediatamente substituída pela audição conduz à suposição de que a expressão verbal seja, o caminho natural do cego, impedindo-o de experimentar formas variadas de expressão além de cerceá-lo no desenvolvimento de outras habilidades.

A expressão Deficiente visual (DV) se aplica no presente trabalho aos indivíduos com cegueira adquirida. Importa considerar dois grupos distintos: os cegos congênitos e os com cegueira adquirida. Saber o momento da perda visual requer distinguir as condições de desenvolvimento e aprendizagem. Assim,

o aspecto mais importante desta diferenciação diz respeito ao recurso da visualização, utilizado na educação e reabilitação dos sujeitos com cegueira adquirida em contrapartida ao processo de reorganização perceptiva exigida desde o nascimento para aqueles com cegueira congênita (AMIRALIAN, 1997, apud, AMIRALIAN, 1985).

Estudos indicam que o sujeito que perde a visão antes dos cinco anos não retém qualquer imagem visual, enquanto aqueles que a perderam posteriormente podem reter uma estrutura de referência visual útil.

Segundo Cohen (2001) a memória é classificada conforme o tempo em memória de curta ou longa duração; em alguns casos, a memória de curta duração pode ser mantida em longa duração, processo denominado pelo autor como consolidação.

No cotidiano do homem comum o desenho permanece como um recurso de registro, a criança desenha narrando seu aprendizado, o adulto desenha em diálogo interno com representações externas.

Para Amiralian (1997),

Embora o desenho pareça ser uma representação gráfica de impressões visuais pela sua íntima relação com a percepção óptica, ele está relacionado a experiência

subjetivas do eu, e, como uma atividade criativa, é um ato mental do indivíduo. (AMIRALIAN, 1997, p. 86)

Neste sentido, temos como questão de pesquisa: o desenho pode ser ferramenta para interpretação de textos e histórias por alunos com DV?

Desse modo, o trabalho busca demonstrar o desenho como ferramenta de interpretação de textos pelo aluno com deficiência visual. Inserido no âmbito da pesquisa ação, origina-se da prática como docente no Centro Estadual de Educação Especial de Caetité- CEEEC; onde foi manifestado o interesse em utilizar o instrumento de desenho adaptado para alunos com deficiência visual no trabalho de interpretação de fábulas, textos e histórias.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem como cunho metodológico a pesquisa-ação, que se caracteriza pelo envolvimento do pesquisador na realidade em estudo. Com aporte social segundo o qual THIOLENT (2000) define:

Pode-se entender a pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de um modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 2000, p. 14).

No trabalho com educação inclusiva, a adoção da pesquisa ação mostra que quanto mais conhecimento tem o professor das habilidades, interesses, necessidades e histórias dos seus alunos, ele incorpora esse conhecimento no planejamento das estratégias de ensino a serem adotadas. Ferreira (1998, p. 231) aponta que “maiores serão as chances de promover a participação de cada aluno (a) na atividade de sala de aula, a inclusão e o sucesso escolar de todos”.

ESPAÇO E SUJEITOS DA PESQUISA

O CEEEC atende alunos de diferentes especificidades na área de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A instituição tem por objetivo promover a inclusão social e articular ações em defesa do direito da pessoa com deficiência, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades e superdotação, visando assegurar sua inclusão educacional, profissional e sua inserção no mundo do trabalho, assim como apoiar as famílias, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária.

No núcleo visual lócus da coleta de dados foram selecionadas 03 alunas com cegueira adquirida, com idade entre 25/60 anos que recebem AEE nas áreas de Braille, soroban, orientação

e mobilidade, informática, dentre outras. Para identificação das mesmas propomos nomeá-las de L1, L2 e L3.

As intervenções ocorreram entre abril/2014 e março/2015 nas aulas de Braille, com duração de 1h/a por semana. Por ocasião do trabalho de familiarização com o Sistema Braille, para leitura de pequenos textos, fábulas e histórias foi proposta a interpretação através de desenhos. O que foi prontamente aceito e autorizado por meio do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido).

Foram aplicadas propostas de leituras e desenhos durante os atendimentos de Braille, no período entre abril/2014 e março/2015. As propostas de leitura e desenho foram divididas em três com o intuito de melhor compreensão das interpretações feitas pelos sujeitos. As análises tomaram por base os estudos de AMIRALIAN (1997), DUARTE (2003), dentre outros.

Para a execução da proposta, foi utilizada a prancha de desenho que é a composição de uma placa de madeira medindo 21x 29,7, uma tela; lápis 6B e uma folha de papel A4.



Lápis 6B



Prancha de Desenho com Tela

APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS

Para a compreensão de cada aluno foi necessário conhecê-los em vários aspectos- sociais, cognitivos, afetivos e emocionais, o que significou uma constante investigação, observação e diálogo. Levando em consideração a palavra ‘desenho’ aqui se aplica de modo restrito a representação livre daquilo que se quer representar do objeto, seu contorno, sua ideia.

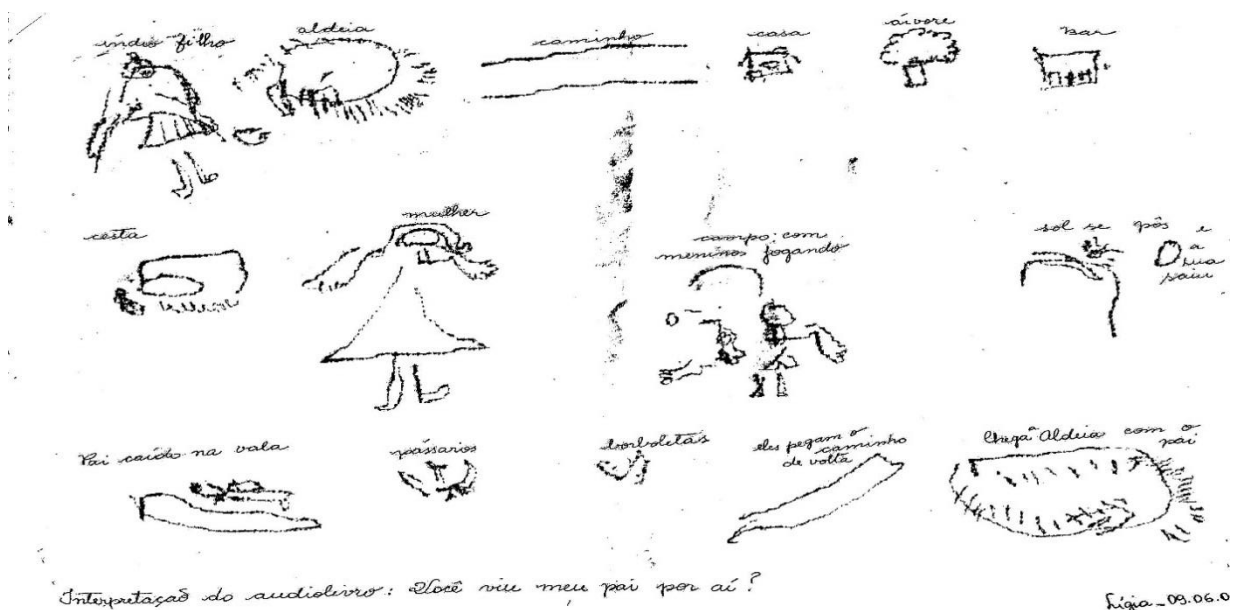
PROPOSTA - 01

No primeiro contato a proposta foi um áudio-livro com o título:

“Você viu meu pai por aí?”

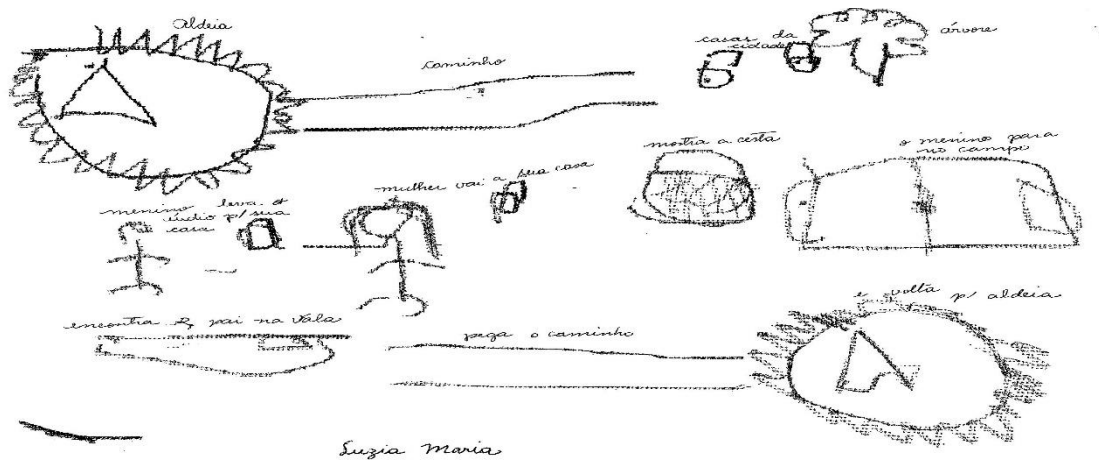
O áudio-livro traz a história de um jovem índio que sai da aldeia em busca do seu pai, pela cidade. No caminho, encontra várias cenas que lhe chama a atenção, e se distrai. Casas, árvores, bar, conhece um menino que o leva para sua casa e lhe oferece água e leite, uma mulher que diz ter visto seu pai vendendo cestas. O pequeno índio para em um campo onde crianças jogam bola. Quase quando o sol está se pondo o índio resolve ir embora, seguindo pelo caminho de volta, encontra seu pai caído numa vala. Ergue-o, e seguem juntos de volta para a aldeia.

(L1)-Faz uma representação sequenciada dos fatos narrados no áudio de forma precisa, com traços firmes, próximos do que lhe parece real, demonstrando uma memória visual conservada.



L1- desenho 01- junho/2014

(L2)-Apesar de se mostrar um pouco resistente no início, a aluna depois de solicitar algumas descrições de alguns elementos conseguiu dar vida ao que foi ouvido no áudio-livro de forma coerente, com riqueza de detalhes em alguns objetos.



L2- desenho 01- junho/2014

PROPOSTA 02

A segunda proposta foi através de uma fábula:

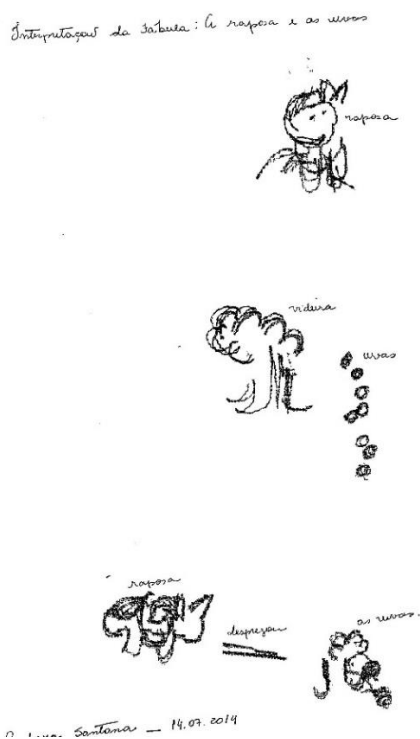
“A raposa e as uvas”

Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse, essas uvas eu não comeria.

Moral: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

(L3) - Representa de forma objetiva, retratando aquilo que lhe parece melhor simbolizar cada objeto e sujeito citado na fábula. Com dificuldade de abstração dos fatos a aluna se manteve contida na hora do desenho.



L3- Desenho 01- julho/2014

PROPOSTA 03

Nesta proposta o trabalho se deu de forma diversificada. Cada aluna escolheu uma história lida para representar através de desenho.

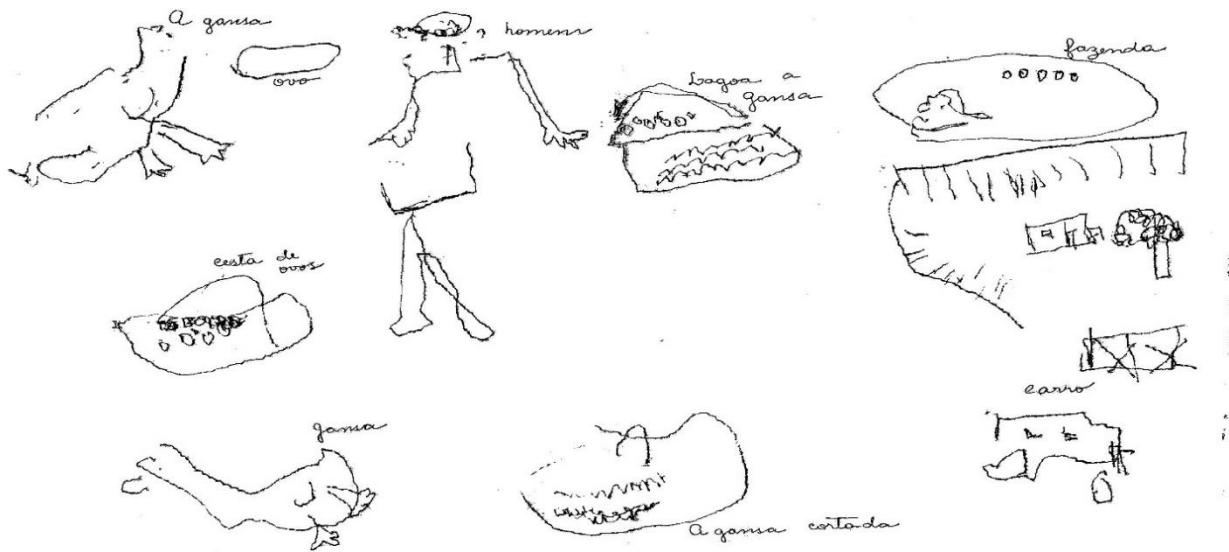
A fábula escolhida por L1 foi: **A Gansa que Punha Ovos de Ouro**

Um homem possuía uma gansa que, toda manhã, punha um ovo de ouro. Vendendo estes ovos preciosos, ele estava acumulando uma grande fortuna. Quanto mais rico ficava, porém, mais avaro se tornava. Começou a achar que um ovo só, por dia, era pouco.

"Porque não põe dois ovos, quatro ou cinco?" pensava ele. "Provavelmente, se eu abrir a barriga desta ave, encontrarei uma centena de ovos e viverei como um nababo". Assim pensando, matou a gansa abriu-lhe a barriga e, naturalmente, nada encontrou.

Moral da história: Quem tudo quer tudo perde.

Para (L1) a escolha da fábula favoreceu uma profunda reflexão sobre os sonhos e desejos da aluna, os caminhos que deseja trilhar. O desenho foi feito com narrativa crítica, exemplificações orais pela aluna do que julgava certo e errado. Um rico momento de reflexão.



Interpretação da fábula: "A gansa que punha ovos de ouro."

L1- Desenho 02 - Julho/2014

Lígia: 407. 2014

A fábula escolhida por L1 foi: **A boa sopa**

Era uma vez uma mocinha pobre e piedosa que vivia sozinha com a mãe. Como não havia mais nada para comer na casa delas, a menina entrou na floresta em busca de alguma coisa. Na floresta ela encontrou uma mulher idosa que tinha conhecimento de sua pobreza e lhe deu de presente uma panelinha à qual era suficiente dizer: "panelinha, cozinhe!", para que na mesma hora ela cozinhasse uma excelente sopa de painço bem cremosa; e quando alguém dizia: "panelinha, pode parar!", ela logo parava de fazer a sopa.

A menina voltou para casa levando a panela e com aquele presente a pobreza das duas acabou, pois mãe e filha comiam a boa sopa da panelinha sempre que tinham vontade, e na quantidade que quisessem. Uma vez a menina havia saído e a mãe disse: "panelinha, cozinhe!". A panela cozinhou e a mãe comeu até ficar satisfeita; quando a fome acabou, a mãe quis que a panelinha parasse, mas como ela não sabia o que era preciso dizer, a panela continuou fazendo a sopa e a sopa transbordou, a panelinha continuou e a sopa escorreu pela cozinha, encheu a cozinha, escorreu pela casa, e depois invadiu a casa dos vizinhos, depois a rua, e continuou sempre escorrendo por todos os lugares, como se o mundo todo fosse ficar cheio de sopa para que ninguém mais sentisse fome.

É, mas o problema é que ninguém sabia o que fazer para resolver a situação. A rua inteira, as outras ruas, tudo cheio de sopa, e quando em toda a cidade só tinha sobrado uma casinha que não estava cheia de sopa, a menina voltou para casa e disse calmamente: "panelinha, pode parar!", e a panela parou e a enchente de sopa acabou.

sua idade cronológica, das suas limitações e de suas especificidades, o que poderá influenciar neste processo é o respeito à individualidade e o tempo de cada um.

Pode-se observar que o uso das ferramentas adequadas, como foi o caso da prancha de desenho, que permitiu às alunas perceber o que estava sendo traçado e ao virar a folha sentir os contornos do seu próprio desenho.

No que se refere ao desenho, podemos dizer que a memória humana é capaz de identificar e classificar sons, cheiros, gostos, e sensações, o que nos permite dizer que a formação da imagem mental, não depende somente do sentido da visão, mas das experiências sensoriais acumuladas ao longo do tempo.

Observamos nos sujeitos da nossa amostra uma boa relação e dinâmica com as projeções gráficas dos objetos, ainda que em alguns momentos exigindo descrições e demonstrações dos objetos, houve um predomínio da compreensão e assimilação dos mesmos.

O que segundo Amiralian,

observa-se entre os sujeitos que se consideram possuidores de cegueira congênita há os que, embora sendo portadores de uma causa congenitamente determinada (catarata ou glaucoma), possuíram a visão durante determinado período de suas vidas, que influenciou e serviu na sua apreensão do mundo externo. (p. 276)

É necessário compreender os limites que os desenhos carregam em sua estrutura, que os seus interlocutores encontraram ao desenvolvê-los. Mas, principalmente é preciso valorizar as potencialidades de quem se expressa através do desenho, a liberdade de quem escreve uma história, são expressões que comunicam conhecimentos absolutos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou demonstrar o desenho como ferramenta de interpretação de textos pelo aluno com deficiência visual. Neste sentido, evidenciaram-se um desenvolvimento excelente entre os sujeitos com cegueira adquirida, tanto na interpretação das fábulas e histórias propostas como na representação gráfica.

Como nos coloca Amiralian (1997, p. 306) “os desenhos de nossos sujeitos parecem ter servido como um canal por excelência para a expressão” do conhecimento. As considerações do que se aprendeu do estudo, aquilo que ficou de base para novos estudos, são as possibilidades de utilização do desenho como ferramenta para favorecer a aprendizagem, participação e expressão artística dos alunos com deficiência visual e melhoria de seu atendimento em classes comuns como representação de conhecimento e de comunicação da pessoa cega.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. **Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de Desenhos-Estórias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COHEN, H. **Neurociência para Fisioterapeutas**. 2 ed. São Paulo: Manolle, 2001.

DUARTE, M. L. B. Sobre o funcionamento Cerebral e a importância do desenho para os cegos. In: MEDEIROS, M. B. de. (Org.) **A arte da pesquisa**. Brasília, DF: UnB/ANPAP, 2003, p.113-125.

FERREIRA, S. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papirus, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas V. Fundamentos da defectologia**. Madrid: Visor, 1997.